

PRESSUPOSTOS FREIREANOS E MONTESSORIANOS: ARTICULAÇÕES PARA UMA ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Rafael Gomes Coelho da Rocha ¹

Maria da Conceição de Almeida Barbosa Lima ²

RESUMO

Em 1870 nascia, na Itália, Maria Montessori. Médica e Pedagoga, Montessori apresenta o método montessoriano que, por sua vez, busca alfabetizar a partir de jogos, objetos concretos e estímulos sensoriais. Em 1921 nascia, no Brasil, Paulo Freire. Educador e filósofo, o nordestino apresenta o método Paulo Freire para alfabetizar, em pouco tempo, adultos trabalhadores e pobres a partir da realidade que eles estavam inseridos. Anos de diferença, países distintos, mas, ideais e pressupostos que conversam e, justamente por isso, cabe pensar na pergunta balizadora deste trabalho: a utilização de objetos sensoriais e concretos, que fazem parte da realidade dos estudantes, auxilia na alfabetização científica dos indivíduos com necessidades educacionais específicas? A partir deste questionamento cabe salientar que o objetivo geral do trabalho é apresentar alguns dos pressupostos de Maria Montessori e Paulo Freire acerca da alfabetização e discutir como tais ideias podem ser comparadas com a construção de uma Alfabetização Científica, em uma perspectiva inclusiva. A fim de alcançar o objetivo geral, definem-se como objetivos específicos: apresentar o conceito de alfabetização de acordo com as ideias de Paulo Freire e Maria Montessori, apresentar o conceito de alfabetização científica e relacionar estes dois conceitos à luz da Educação Inclusiva. Por fim, entende-se que a utilização de objetos concretos e estímulos sensoriais auxiliam na construção da Alfabetização Científica das pessoas com necessidades educacionais específicas, de tal forma que os estudantes são estimulados à autonomia, ao trabalho em pares e o professor, ao contrário dos ambientes tradicionais de ensino, atuando com o estudante, dialogicamente, horizontalmente, respeitando as individualidades e potencialidades dos estudantes.

Palavras-chave: Maria Montessori, Paulo Freire, Alfabetização Científica, Alfabetização, Educação Inclusiva.

INTRODUÇÃO

Em 1870, na Itália, nasce Maria Montessori que, mais tarde, se torna a primeira médica do país e, em 1921 chega, no Brasil, o nordestino Paulo Freire que, em 2021 passa a ser reconhecido – pela Lei nº12.612 – como o Patrono da Educação. Anos e quilômetros de diferença entre Montessori e Freire não foram suficientes para inibir contribuições tão importantes para a Educação e o Ensino que, ainda hoje, fazem-se tão pertinentes e necessárias nos espaços formais e não formais de Ensino.

¹ Doutorando do Curso de Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz – IOC – Fiocruz - RJ, rafaelgcr@id.uff.br;

² Professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, mcablina@uol.com.br

O século XIX foi marcado por diversos acontecimentos na Itália. Os vários reinos e a não soberania italiana, a unificação da Itália, as expressivas diferenças de origem cultural, social, econômica e linguística, o crescimento do número de pessoas por metro quadrado no país e a revolução industrial na Europa fizeram parte do cenário caótico que se desenvolveu as ideias de Maria Montessori.

Nascida em 1870, em Chiaravalle, Maria Montessori foi a primeira mulher a finalizar o curso de Medicina – em 1896 – pela Universidade de Roma. Com muitas dificuldades por conta de seu gênero, Montessori “precisou obter uma autorização especial do Papa Leão XII, que amparasse seu ingresso e permanência na faculdade mesmo a contragosto de praticamente toda a comunidade acadêmica, inclusive do diretor de seu curso” (VILELA, 2014, p. 33).

Após finalizar o curso de Medicina, Maria Montessori se especializa em neuropatologia e, em seguida, trabalha como assistente na clínica psiquiátrica da Universidade. Em 1898 se torna co-diretora de uma escola para crianças com deficiências mentais, se relaciona, engravida e, em 1900, dá a luz ao seu filho Mário Montessori. Volta às atividades normais na escola e, em seguida, conhece o espaço nomeado de “lar para crianças”.

A partir das leituras acerca do histórico da vida de Montessori acreditamos que foi a partir desta primeira observação sobre as crianças com deficiências o marco inicial importante que relaciona Maria Montessori à Educação. Afirmamos isso, pois, segundo a literatura, Maria Montessori “incomodou-se com o tratamento dado às crianças deficientes e então, passou a dedicar-se aos problemas educativos e pedagógicos delas, ou melhor, à solução desses problemas” (VILELA, 2014, p.33).

Foi a partir deste incômodo que Montessori traz a proposta de um método pedagógico chamado de Método Montessoriano, que será mais detalhado no próximo tópico, mas, de forma geral e simples, é entendido por Montessori não como um método, mas como uma “ajuda oferecida à pessoa humana para conquistar sua independência”, ou de “meio que lhe oferecemos para libertar-se da opressão dos velhos preconceitos da educação” (MONTESSORI, 2018, p.18).

Dando um salto no tempo, mais precisamente em 1921, nascera, no Recife, Paulo Reglus Neves Freire que, em 1943, iniciou o curso de Direito e se dedicou aos estudos da filosofia da linguagem e talvez, por isso, não chega a exercer a profissão de advocacia e começa a lecionar a disciplina de língua portuguesa para jovens do Ensino Médio de uma escola.

Seguindo os primeiros passos na Educação, em 1946, Freire foi nomeado ao cargo de diretor do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social de Pernambuco, continua lecionando língua portuguesa, fica responsável pela disciplina de Filosofia da Educação na

Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco e, ainda, inicia o trabalho com analfabetos pobres.

Tempos distantes, lugares diferentes, contextos políticos, culturais, sociais e econômicos distintos. Freire e Montessori divergem em muitos aspectos, mas, ao mesmo tempo, apresentam pressupostos que dialogam um com o outro. A história inicial acerca da necessidade de alfabetizar uma minoria esquecida pela sociedade – crianças com deficiência e trabalhadores analfabetos adultos - marca uma preocupação diferente das que estavam acostumados nas suas respectivas épocas e realidades sociais.

O cenário de um ensino tradicional, seja na Itália ou no Brasil, foi e ainda é marcado por professoras e professores que dialogam verticalmente – de cima para baixo -, com autoridade e para – não com - o estudante. Esta realidade, que coloca os professores como detentores do saber, inibem o diálogo com o educando e, conseqüentemente, dificultam o processo de ensino-aprendizagem. A partir desta realidade, o desafio de promover a alfabetização, ainda mais nas disciplinas de Ciências, fica cada vez maior.

Neste sentido, o objetivo geral deste trabalho é apresentar alguns dos pressupostos de Maria Montessori e Paulo Freire acerca da alfabetização e discutir como tais ideias podem ser comparadas com a construção de uma Alfabetização Científica, em uma perspectiva inclusiva. A fim de alcançar o objetivo geral, definem-se como objetivos específicos: apresentar o conceito de alfabetização de acordo com as ideias de Paulo Freire e Maria Montessori, apresentar o conceito de alfabetização científica e relacionar estes dois conceitos à luz da Educação Inclusiva.

METODOLOGIA

O estudo de caso se configura como a metodologia científica adotada para a escrita deste artigo que, por sua vez, seguirá o caminho metodológico que está voltado para a pesquisa exploratória, descrevendo definições e conceitos abordados pelos referenciais freireanos e montessorianos, que terá seu fim na discussão de tais referenciais na perspectiva da Educação Inclusiva.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fim de superar o desafio da alfabetização e promover uma Educação de qualidade e que leve em conta a vida dos indivíduos, Montessori e Freire propuseram métodos – hoje

conhecidos por método montessoriano e método de Paulo Freire – que mostravam que a realidade que os educandos estavam inseridos, o diálogo horizontalizado e o respeito às individualidades de cada um, contribuiriam para um processo de ensino-aprendizagem eficiente e inclusivo. Nesta perspectiva, serão apresentados a seguir pontos importantes sobre cada um dos métodos.

1. MÉTODO MONTESSORIANO.

O Método montessoriano é amplo e com muitas faces. Podemos apresentar a perspectiva do método para os estudantes, para os docentes, para a construção de atividades e guia de estudos, na divisão estrutural de disciplinas e forma como elas são ofertadas, mas, neste momento, apresentaremos apenas os pilares principais que estão relacionados com a nossa visão de inclusão e, por isso, evitaremos ramificar as ideias.

Neste sentido, entendemos que um dos pilares que torna o método montessoriano sólido e que dialoga com os referenciais de inclusão é a necessidade do educador entender que ele não está no centro do processo de ensino e de aprendizagem e, ao contrário do contexto tradicional, ele “atua tanto como auxiliar da aprendizagem quanto como facilitador da cooperação” (GOMES, 2006, p.28).

“Descobrir os instintos orientadores do homem constitui uma das mais importantes pesquisas a serem desenvolvidas nos tempos modernos [...] (MONTESSORI, p. 228, 1936) foi uma reflexão trazida por Maria Montessori em 1936 que, por sua vez, ainda reflete atualmente. A ideia do professor como orientador – e não como o detentor do saber – promove nos estudantes a autoconfiança nas produções individuais e permite que o docente auxilie diretamente nas habilidades e competências de cada indivíduo, respeitando tempos e características diferentes, tal como os princípios de uma Educação Inclusiva.

2. MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO DE PAULO FREIRE.

Paralela às contribuições de Maria Montessori acerca da visão de inclusão e da alfabetização de um grupo de indivíduos, Paulo Freire – mesmo não gostando do título de criador do método Paulo Freire – deixa sua marca registrada na ação revolucionária de alfabetizar adultos. Segundo Carvalho e Barbosa (2011, p.73), entende-se que:

[...] Freire é o criador de um método inovador no ensino da alfabetização para adultos. Seu método pedagógico foi levado para diversos países. Segundo registros históricos, no ano de 1963, em Angicos (RN), Paulo Freire chefiou um Programa de Alfabetização de Adultos, tendo alfabetizado cerca de 300 pessoas adultas (homens e

mulheres), durante 40 horas de curso, em apenas 30 dias consecutivos. Tal façanha didático-pedagógica é o feito mais marcante de Freire no campo da Pedagogia, tendo por metodologia a escolha de “palavras geradoras”, comuns no vocabulário local dos trabalhadores adultos de sua época, tais como, por exemplo: cimento, tijolo, vassoura, enxada, terra, plantio, colheita, entre outras. [...] A metodologia de Paulo Freire consiste em uma maneira de educar conectada ao cotidiano social dos estudantes e às experiências de vida e de trabalho que eles têm, e, por isso, também ligada à política; porém em sentido não partidário, mas de escolhas, ações práticas e tomadas de decisões.

Mesmo sendo possível alfabetizar 300 pessoas adultas em um curto intervalo de tempo, Freire entende que tal método vai além da técnica relata, em uma entrevista concedida a um pesquisador, que:

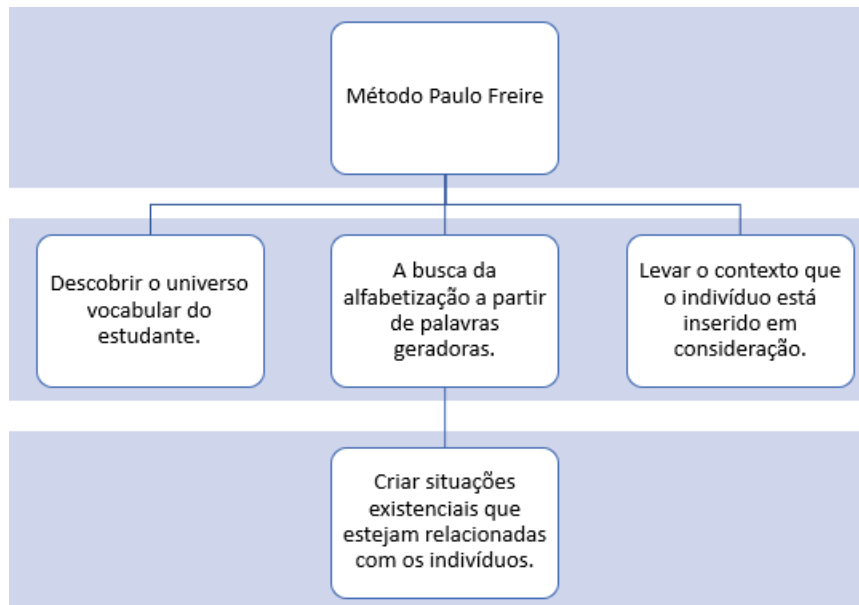
Há uma imprecisão que é preciso apontar. Nessa época (no Brasil), como hoje, eu não estava exclusivamente preocupado com a alfabetização. Eu não sou, como muita gente pensa, um especialista na alfabetização de adultos. Desde o início de meus trabalhos eu procurava alguma coisa além do que um método mecânico que permitisse ensinar rapidamente a escrita e a leitura. É certo que o método devia possibilitar ao analfabeto aprender os mecanismos de sua própria língua. Mas, simultaneamente, esse método devia lhe possibilitar a compreensão de seu papel no mundo e de sua inserção na história (FREIRE, 1972 apud BEISEGEL, 1989, p. 19).

A fim de reforçar a ideia de que o método de alfabetização de Paulo Freire não é mera aplicação de técnicas, vale ressaltar que a proposta do método se dava a partir da construção antropológica construída por Paulo Freire. Em outras palavras, Freire afirma que: “a alfabetização é mais que o simples domínio psicológico e mecânico de técnicas de escrever e de ler. É o domínio destas técnicas em termos conscientes [...] Implica numa autoformação de que possa resultar uma postura interferente do homem sobre seu contexto” (FREIRE, 1980, p.111).

DIÁLOGOS SOBRE A ALFABETIZAÇÃO

Conceituar a alfabetização é um grande desafio. Muitos autores e autoras das áreas de Ensino e Educação constroem visões acerca da definição de alfabetização. Magda Soares, por exemplo, traz a problemática de que, antes de pensar numa definição para alfabetização, é importante entendermos a diferença entre um processo de *aquisição da língua* (oral e escrita) – ensinar o código, desenvolver habilidade para ler e para escrever - de um processo de *desenvolvimento da língua* (oral e escrita) – que nunca é interrompido! – e, por fim, conclui que “o conceito de alfabetização depende, assim, de características culturais, econômicas e tecnológicas [...]” (SOARES, 2020, p.19).

Neste mesmo sentido, vale voltarmos ao método de alfabetização de Paulo Freire para compreender a estrutura pensada pelo educador e, para isto, observe, a seguir, o esquema que mostra a fase de elaboração e aplicação do método³:



Fonte: autor.

As etapas acima mostram a forma dialógica e emancipadora da alfabetização. No contexto de Paulo Freire, para aqueles trabalhadores, a alfabetização representava meios de “tornar compatíveis sua existência de trabalhador e o material que lhe era oferecido era a aprendizagem”. (FREIRE, 1979). Por fim, vale reforçar que Freire pensava “numa alfabetização que fosse ao mesmo tempo um ato de criação, capaz de gerar outros atos criadores; uma alfabetização na qual o homem, que não é passivo nem objeto, desenvolvesse a atividade e a viva-cidade da invenção e da reinvenção, características dos estados de procura” (idib).

Para fomentar ainda mais o diálogo das diversas formas de se pensar o conceito de alfabetização e, além disso, reforçar que esta definição é – ou deveria ser – pensada da forma que leve em consideração o contexto social, cultural, político e tecnológico, cabe concluir resgatando as ideias de alfabetização a partir de Maria Montessori que, por sua vez, entende que “a criança não é um ser vazio, que nos deve tudo o que sabe uma vez que o preenchemos. Não, a criança é construtora do homem, e não há homem que não tenha sido formado pela criança que era antes” (MONTESSORI, s.d) e, além disso, ressignifica o olhar sobre a criança, ao afirmar que:

A mente absorvente forma a base da sociedade criada pelo homem, e aparece, para nós, no semblante de uma delicada e pequena criança, que resolve as misteriosas

³ Esquema produzido a partir das ideias apresentadas por Paulo Freire em: “**Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire** / Paulo Freire; [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.”

dificuldades do destino humano com a virtude do amor. Se estudarmos a criança melhor do que o temos feito até hoje, descobriremos amor em cada aspecto dela. O amor não é analisado pelos poetas e pelos profetas, mas pela realidade que cada criança revela em si (MONTESSORI, 2021, p. 269).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento apresentamos os pressupostos de Maria Montessori e Paulo Freire acerca de um processo de alfabetização amplo, respeitoso e que leva em consideração vários pontos. Mesmo sendo de regiões e anos bem diferentes, podemos observar que as ideias têm uma base pautada no respeito, no diálogo e na consideração do indivíduo como ser crítico inserido numa sociedade. Neste sentido cabe a seguinte pergunta: a construção da alfabetização científica segue passos da alfabetização ?!

Para construir a resposta desta pergunta, cabe resgatar as contribuições de Lúcia Sasseron e Vitor Machado que entendem a Alfabetização Científica “como um processo que se inicia na vida de cada um, que pode ser mais bem sistematizado na escola, mas que, certamente, não se restringe ao espaço escolar, pois é destinado às ações que um indivíduo desempenha em outros âmbitos e espaços de sua vida” (SASSERO; MACHADO, 2017, p.13).

A construção do conceito da Alfabetização Científica ser pautada nas vivências, experiências e nas realidades individuais dos indivíduos reforça a ideia que Paulo Freire trazia há anos. Isto fica claro quando Freire afirma que:

De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através da nossa prática consciente. Este movimento dinâmico é um dos aspectos centrais, para mim, do processo de alfabetização (FREIRE, 2006, p.20)

Neste contexto, entendemos que a alfabetização não pode se dar de uma forma e a alfabetização científica de outra. A forma como se dá o processo de ensino e de aprendizagem para letrar um indivíduo não deve ser dissociado da realidade que este está inserido, assim como os problemas de Ciências e a forma como eles são abordados nas salas de aula da Educação Básica também não podem continuar sendo descontextualizados, irreais e matematizados como ainda vemos.

A discussão acerca da necessidade de mudança no ensino das Ciências não é atual e ainda assim perdura. Além disso, ainda é realidade o alto número de queixa dos estudantes sobre as estratégias tradicionais de se ensinar Ciências. Com isso, vale a seguinte reflexão: se antes, com menos pessoas com deficiência ou necessidade de adaptação já tínhamos uma

aprendizagem defasada, como está a realidade atual com uma sala de aula muito mais diversa e plural?

Com o número de pessoas com deficiências, transtornos globais e/ou necessidade de adaptação aumentado nas escolas da Educação Básica, fica cada vez mais difícil continuar usando o tradicional para ensinar Ciências. Neste sentido, entendemos que a forma de diminuir essa defasagem é, assim como mostrado aqui até agora, utilizar da realidade do estudante, propor materiais que auxiliem no desenvolvimento das habilidades, promover uma educação horizontal-dialógica, livre de preconceitos e valorizando as diferenças.

Por fim, vimos em Paulo Freire a visibilidade dada aos oprimidos e, a partir de suas culturas e histórias, deslocou os oprimidos da margem do processo, para o centro do processo. Maria Montessori iniciou sua carreira observando as pessoas com deficiência e pensando em materiais e estratégias possíveis para promover a aprendizagem. Neste sentido, promover uma Alfabetização Científica na perspectiva da Educação Inclusiva é dar possibilidades a partir da realidade e habilidade de cada indivíduo, sem discriminação

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo alcançou o objetivo de apresentar as ideias principais de Paulo Freire e Maria Montessori sobre a alfabetização, além de dialogar estas ideias com o conceito de Alfabetização Científica que, por sua vez, andam juntas. Entendemos que a Alfabetização e a Alfabetização Científica não devem ser dissociadas da realidade do indivíduo e que, pensando na perspectiva da Educação Inclusiva, possibilitam e promovem um processo de ensino de aprendizagem respeitoso e eficiente, visto que, têm base nas habilidades e possibilidades de cada indivíduo, independente das necessidades específicas.

REFERÊNCIAS

BEISEGEL, Celso de Rui. Política e educação popular. 2ª. Ed. São Paulo, Ática, 1989.

CARVALHO, M. E. G.; BARBOSA, M. G. C. Memórias da educação: a alfabetização de jovens e adultos em 40 horas (Angicos/RN, 1963). In: Revista HISTEDBR On-Line. Campinas: Editora da UNICAMP, n.43, p.66-77, set./2011.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

_____. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo, 1921 - F934c **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire** / Paulo Freire; [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.



GOMES, Morgana. **Montessori**. In: **Coleção Educativa. Especial Educadores**. Ano nº 9. São Paulo: Minuano, p. 28-30, 2006.

MONTESSORI, Maria. **Pedagogia Científica**. São Paulo: Flamboyant, 1965.

_____. **Mente absorvente**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Portugália, s.d.

_____. **Formação do homem**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Portugália, s.d.

_____. **A Criança**, 1936.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições Sobre Educação de Adultos**. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SASSERON, Lúcia Helena; MACHADO, Vitor Fabrício. **Alfabetização Científica na prática: Inovando a forma de Ensinar Física**. 1 ed., São Paulo: Livraria da Física, 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 7. Ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2020.